



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS X**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ELIZÂNGELA DE SOUSA COIMBRA**

**MAPEAMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE  
CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Teixeira de Freitas, BA.  
2025

**ELIZÂNGELA DE SOUSA COIMBRA**

**MAPEAMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação - Campus X, como um dos requisitos para obtenção do grau de licenciando (a) em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Janine Marinho Dagnoni Neiva.

Teixeira de Freitas, BA.  
2025

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**ELIZÂNGELA DE SOUSA COIMBRA**

**MAPEAMENTO DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA  
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado do Curso de  
Pedagogia da  
Universidade do Estado da Bahia  
– UNEB, Departamento de Educação -  
Campus X, como um dos requisitos para  
obtenção do grau de licenciando (a) em  
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Janine  
Marinho Dagnoni Neiva.

Teixeira de Freitas, 08 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA  **JANINE MARINHO DAGNONI NEIVA**  
Data: 19/08/2025 16:59:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Janine Marinho Dagnoni Neiva  
Orientadora  
UNEB/DEDCX

Guilhermina Elisa Bessa da Costa  **GUILHERMINA ELISA BESSA DA COSTA MATOS**  
Data: 20/08/2025 16:33:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Cristiane Gomes Ferreira  **CRISTIANE GOMES FERREIRA**  
Data: 20/08/2025 10:06:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e em segundo ao meu sobrinho Miguel, cuja singularidade no TEA inspirou minha pesquisa sobre alfabetização inclusiva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela dádiva da vida, pela sabedoria concedida e pela paciência cultivada ao longo da minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia, especialmente durante o processo de realização desta pesquisa e a elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha família, manifesto profunda gratidão, em especial à minha mãe, Rosângela Almeida de Sousa Oliveira, e ao meu pai, José Ferreira Coimbra, pelo esforço dedicado à minha formação, pela educação transmitida e pelo incentivo contínuo aos meus estudos, elementos fundamentais para a construção do meu percurso acadêmico.

Ao meu esposo, Jonatas dos Santos Souza, agradeço pela compreensão diante das ausências impostas pela dedicação aos estudos, pelo apoio incondicional desde o início da graduação, mesmo quando a Pedagogia ainda não era uma escolha pessoal, e por ter me encorajado a seguir com a temática deste trabalho, idealizada nos primeiros momentos da formação.

Expresso, ainda, minha sincera gratidão aos docentes que contribuíram diretamente para a minha formação acadêmica ao longo do curso. De modo especial, agradeço à Professora Doutora Elzicléia Tavares dos Santos, pelo acompanhamento e orientação durante os componentes curriculares voltados à elaboração do TCC.

À Professora Doutora Janine Marinho Dagnoni Neiva, minha orientadora, agradeço pela disponibilidade, paciência, dedicação e competência com que conduziu o processo de orientação, sempre com clareza e sensibilidade.

Por fim, estendo meus agradecimentos às colegas de curso que, direta ou indiretamente, contribuíram na minha formação, em especial à colega Natália Resende Silva, pelo apoio constante, pelos esclarecimentos prestados e pelo acolhimento nos momentos de insegurança ao longo da construção desse trabalho.

*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*

*(Freire, 1996).*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco na identificação de estratégias pedagógicas inclusivas. O objetivo principal foi mapear e analisar artigos científicos, publicados nos últimos 5 anos, que abordam estratégias pedagógicas voltadas ao ensino da leitura e escrita para crianças com TEA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de dez artigos selecionados a partir de critérios de relevância científica e afinidade temática, disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES. Os resultados apontam a eficácia de estratégias como o uso de tecnologias assistivas (Lina Educa, ABC Autismo e AlfabTEA), contação de histórias com mediação docente, multiletramentos, psicomotricidade e metodologias como TEACCH, ABA e o método fônico. Evidenciou-se também a importância da formação continuada de professores e das práticas pedagógicas colaborativas inspiradas na pedagogia freiriana. Considera-se que, a alfabetização de crianças com TEA requer um planejamento individualizado, recursos adaptados e professores preparados para atuar de forma sensível às necessidades específicas desse público. A pesquisa cumpre seus objetivos ao sistematizar conhecimentos que contribuem para a educação inclusiva e para a formação docente, abrindo possibilidades para investigações futuras em contextos escolares reais.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Alfabetização. Educação Inclusiva. Tecnologias Assistivas. Mapeamento de Estratégias Pedagógicas.

## ABSTRACT

This Undergraduate Thesis addresses the literacy of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), focusing on the identification of inclusive pedagogical strategies. The main objective was to map and analyze scientific articles published in the last five years that discuss pedagogical strategies aimed at teaching reading and writing to children with ASD. This is a qualitative, bibliographic research based on the analysis of ten articles selected according to scientific relevance and thematic affinity criteria, available in the CAPES Journal Portal. The results indicate the effectiveness of strategies such as the use of assistive technologies (Lina Educa, ABC Autismo, and AlfabTEA), storytelling with teacher mediation, multiliteracies, psychomotricity, and methodologies such as TEACCH, ABA, and the phonics method. The study also highlights the importance of continuous teacher education and collaborative pedagogical practices inspired by Freirean pedagogy. It is considered that the literacy process of children with ASD requires individualized planning, adapted resources, and teachers prepared to work sensitively to the specific needs of this group. The research achieves its objectives by systematizing knowledge that contributes to inclusive education and teacher training, opening possibilities for future investigations in real school contexts.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Literacy. Inclusive Education. Assistive Technologies. Mapping of Pedagogical Strategies.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Applied Behavior Analysis (Análise do Comportamento Aplicada)
APA	American Psychiatric Association
ARASAAC	Portal Aragonés de la Comunicación Aumentativa y Alternativa
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DSM-5-TR	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição revisada
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEEP	Prompt, Evaluate, Expand, Praise (Sinalizar, Avaliar, Expandir, Elogiar)
PNE	Plano Nacional de Educação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TEACCH	Treatment and Education of Autistic and Related Communication-handicapped Children (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Déficit Relacionados de Comunicação)
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos artigos.....	24
Quadro 2 – Mapeamento das Estratégias Pedagógicas.....	32

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>O autismo e a educação de pessoas autistas.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Aprendizagem da leitura e escrita dos autistas.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA/PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1</b>	<b>Apresentação dos artigos e suas respectivas estratégias pedagógicas.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2</b>	<b>Articulação entre os artigos.....</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, sendo a base para o aprendizado de outras áreas do conhecimento. No entanto, para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), essa jornada pode apresentar desafios significativos. O TEA é caracterizado por dificuldades nas áreas da comunicação, interação social e padrões de comportamento restritos e repetitivos, o que pode impactar diretamente o processo de aquisição da leitura e da escrita. Diante desse contexto, é essencial compreender as estratégias e práticas pedagógicas que favoreçam a alfabetização dessas crianças, respeitando suas especificidades e potencialidades.

Ainda, considera-se relevante compreender como a adaptação de métodos tradicionais de ensino pode contribuir para a inclusão escolar e o desenvolvimento pleno dessas crianças no ambiente educacional. A pesquisa se justifica pela crescente entrada de crianças autistas nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas da rede municipal de ensino. Assim, emerge a necessidade de criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, onde todos os alunos, independentemente de suas condições, tenham acesso ao ensino de qualidade. No entanto, é um desafio para os docentes que muitas vezes, não passaram por formação específica para a alfabetização de crianças autistas inseridas nas salas de aula comum (Siqueira, 2025).

A motivação dessa pesquisa surgiu pelo contato mais próximo com um sobrinho autista, o que despertou ainda mais a importância de estudar temáticas que contribuíssem para minha formação, e que subsidiassem uma docência mais inclusiva.

A relevância desse estudo se insere no contexto atual da educação inclusiva, que tem como diretriz garantir o direito à educação para todas as crianças, incluindo aquelas com necessidades especiais. A pesquisa almeja, portanto, contribuir para a reflexão sobre as práticas pedagógicas no Brasil e conhecer estratégias e metodologias voltadas para a alfabetização de crianças com TEA.

A alfabetização é um processo fundamental para o desenvolvimento intelectual e social das crianças, sendo essencial para o exercício da cidadania e para a inclusão plena na sociedade (Battistello *et al.*, 2020). Entretanto, crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam desafios específicos nesse processo devido às suas dificuldades cognitivas, linguísticas e de interação social. (Frazão; Nascimento; Santos, 2024). A relevância social desse tema é evidente, pois trata-se de um grupo de crianças que, por suas características particulares,

frequentemente encontram barreiras adicionais no contexto educacional, o que pode resultar em exclusão, desinteresse e, por vezes, em falhas na aprendizagem.

Investigar as estratégias de alfabetização para crianças com TEA é crucial para promover uma educação inclusiva de qualidade, que leve em consideração as necessidades específicas de cada aluno. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa poderão oferecer uma contribuição significativa para a construção de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento dessas crianças, respeitando seus tempos e especificidades de aprendizagem. Além disso, a partir deste estudo espera-se ampliar as formulações teóricas existentes sobre a alfabetização no contexto do TEA.

Ao proporcionar reflexões a respeito dos desafios enfrentados por crianças com TEA na alfabetização, a pesquisa poderá fornecer subsídios que favoreça o processo de aprendizagem e promovam a inclusão social e escolar. Além disso, os resultados dessa investigação poderão contribuir para a formação continuada de professores da rede municipal que necessitam conhecer e discutir, recursos, estratégias e metodologias adaptadas que atendam a diversidade presente nas salas de aula na contemporaneidade.

A presente pesquisa produzirá aprendizados relevantes na minha formação como pedagoga. Uma vez que no decorrer do curso de Pedagogia, cursamos um componente voltado para inclusão, que aborda as diversas deficiências, e não especificamente o transtorno de espectro autista. Nesse sentido, é salutar que o futuro pedagogo tenha algum conhecimento, visto que a cada ano, mais crianças autistas adentram nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), "na educação especial, o percentual de matrículas de alunos incluídos em escola regular, na faixa etária entre 4 e 17 anos, também vem aumentando, passando de 87,1% em 2014 para 92,1% em 2018" (Grossi; Grossi; Grossi, 2020, p. 2).

Portanto, a pesquisa sobre a alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista não só é relevante para o avanço do campo educacional, mas também tem um impacto direto na melhoria da qualidade de vida e na ampliação das oportunidades de inclusão para essas crianças na sociedade.

Diante do exposto, surgiram os seguintes questionamentos: O que é o autismo? Quais as características principais e dificuldades que o autista apresenta para aprender a ler e escrever? Quais são os recursos metodológicos adaptados para a alfabetização de crianças autistas? Quais as contribuições desses recursos para o aprendizado e desenvolvimento do autista no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita? Tais recursos contribuem para um progresso na

socialização e interação da criança com Transtorno do Espectro Autista? Portanto, o objetivo geral deste trabalho é mapear e analisar artigos científicos, publicados nos últimos 5 anos, que abordam estratégias pedagógicas voltadas ao ensino da leitura e escrita para crianças com TEA.

Para tanto, colocam-se os seguintes objetivos específicos: Conceituar autismo e as especificidades do processo de alfabetização das crianças autistas; localizar artigos sobre o processo de alfabetização de autistas, publicados nos últimos 5 anos; elaborar quadros com os estudos encontrados destacando autores, título do trabalho, ano de publicação, metodologia utilizada, *link* da publicação, para acesso futuro. Assim como descrever as estratégias pedagógicas apresentadas nos artigos.

A fim de responder aos objetivos propostos, este trabalho está organizado em cinco capítulos, o primeiro deles, constitui-se dessa introdução. O segundo apresentará o referencial teórico e em seguida colocar-se-á a metodologia. O quarto capítulo apresentará os resultados encontrados e as discussões e na sequência serão apresentadas as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O autismo e a educação de pessoas autistas

A Associação Americana de Psiquiatria (APA) lançou, em março de 2022, uma versão revisada do DSM-5, conhecida como DSM-5-TR, que foi publicada no site em 2023, por Marina da Silveira Rodrigues Almeida. Referente à versão atualizada, houve apenas uma alteração do que diz respeito ao campo do autismo: o autismo passa a ser nomeado de Transtorno do Espectro do Autismo, classificado como um dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, caracterizado pelas dificuldades de comunicação e interação social e também os comportamentos restritos e repetitivos. Ao falarem sobre a revisão da quinta edição do DSM (DSM-5-TR), quanto ao TEA, Soares e Brito (2024, p. 8) ressaltam que:

Categories diagnósticas precisam de um equilíbrio entre sensibilidade, especificidade e estabilidade diagnóstica, um balanço entre ser muito amplo e ser muito estreito que permita a identificação - e consequentemente intervenção - adequada da condição do indivíduo. Partindo de uma perspectiva pragmática, é preciso que eles sejam eficazes em identificar e oferecer opções de tratamento efetivas. O autismo passou por inúmeras alterações ao longo desses quase 80 anos, tendo sido por muito tempo entendido como um subtipo da esquizofrenia e alvo de interpretações psicanalíticas com pouca validade epistemológica (Bettelheim, 1967), posteriormente se comprometendo com um paradigma que ofereceria mais objetividade - e confiabilidade - que o anterior.

A necessidade um Paradigma de suporte foi mencionada por Marques, Lucena e Araujo (2022), ao citarem Garghetti *et al.* (2013)<sup>1</sup>:

para firmar que os direitos e garantias das pessoas com deficiência fossem iguais ao do restante da sociedade, foi fundamental uma reorganização da sociedade, originando o Paradigma de Suporte. Cujas principais funções são facilitar o processo de interação social e no desenvolvimento do indivíduo, dirigindo-se para criar condições que possam assegurar “a participação da pessoa na vida comunitária, por meio da provisão de suportes ou apoios” (Garghetti *et al.*, 2013, p. 111 *apud* Marques, Lucena e Araujo, 2022, p.18).

A Lei 13.146/2015 também prevê a importância da “provisão de suportes individualizados que atendam a necessidades específicas da pessoa com deficiência, inclusive

---

<sup>1</sup> GARGHETTI, Francine Cristine; MEDEIROS, José Gonçalves; NUERNBERG, Adriano Henrique. Breve história da deficiência intelectual. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 10, Julio, 2013, 101-116. ISSN: 1989-2446. Disponível em <http://www.revistareid.net/revista/n10/REID10art6.pdf>. Acessado em 18.08.25.

a disponibilização de recursos de tecnologia assistiva, de agente facilitador e de apoio no ambiente de trabalho”, indicando a relevância da identificação dos níveis de suporte que cada sujeito necessita. No DSMV, os níveis de suporte no Autismo são compreendidos, de acordo com Faria e Borba (2024), como sendo classificados em 3 diferentes níveis de suporte, quer sejam o nível 1 (autismo leve), o nível 2 (autismo moderado) e o 3 (autismo severo) e essa classificação não pretende classificar níveis de autismo, mas, orientar sobre os “pontos que devem ser mais trabalhados nas intervenções, buscando assim equilibrar os parâmetros de desenvolvimento (p.4101)”.

No entanto, Soares e Brito (2024), ao avaliarem a atualização presente no DSM5-TR, mencionam o valor de estabilidade diagnóstica apresentada, mas, levantam questionamento sobre a não incorporação de algumas evidências científicas na revisão do manual, como por exemplo quanto aos déficits de atenção dividida e apontam uma incongruência com o sistema classificatório de níveis de suporte, ao sugerir que “indivíduos dentro das próprias subdivisões apresentam discrepâncias importantes (Weitlauf *et al.*, 2014), o que coloca sob dúvida a utilidade desse sistema enquanto parâmetro de categorização em níveis de suporte” (p.). No entanto, a última versão, de 2022, traz mais detalhamento nos critérios a serem avaliados para descrever os diferentes níveis de suporte e não apenas a dicotomia apresentada na versão anterior (comunicação social/comportamentos e interesses restritos e repetitivos), o que já seria um avanço. Cabe por conseguinte ressaltar, a relevância dada pelo DSMV-TR à avaliação das consequências funcionais do TEA:

Consequências Funcionais do Transtorno do Espectro Autista, ressaltando a relação entre algumas comorbidades e o maior risco de mortalidade prematura. Aqui foram também abordadas algumas causas de morte mais frequentes no TEA: “[...] Mortes relacionadas a lesões ou envenenamento são maiores que na população geral, assim como mortes por suicídio. Afogamento é a principal causa de mortes acidentais de crianças com transtorno do espectro autista (APA, 2022, p.65 *apud* Soares e Brito, p.6, 2024).

De acordo com Paula *et al* (2021), os primeiros sinais de uma criança com TEA começam antes dos três anos de vida, entre 12 e os 18 meses, e fica mais perceptivo com o atraso de linguagem e na fala, o que leva os pais ou responsáveis a cogitarem dificuldades na audição. Nessa perspectiva, o diagnóstico acaba acontecendo de forma tardia, e em muitos casos não acontece.

Segundo Siqueira (2025):

O Censo Demográfico 2022 identificou 2,4 milhões de pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA), o que corresponde a 1,2% da população brasileira. A prevalência foi maior entre os homens (1,5%) do que entre as mulheres (0,9%): 1,4 milhões de homens e 1,0 milhão de mulheres foram diagnosticados com autismo por algum profissional de saúde. Entre os grupos etários, o de maior prevalência foi o de 5 a 9 anos (2,6%). (s. p.).

Portanto, os dados coletados revelam que em 2022, o percentual de diagnósticos do transtorno do espectro autista (TEA) foi maior em homens, no qual a prevalência maior foi na faixa etária entre meninos de 5 a 9 anos. Por outro lado, Soares e Brito (2024) apresentam uma problematização quanto à prevalência de maior diagnóstico em meninos, apesar de alguns estudos trazerem evidências, relatam que outros mostram que, meninas tendem a mascarar os sintomas com mais eficiência, o que resulta em diagnósticos tardios na idade adulta e também apresentam dados de que a prevalência de autismo tende a ser maior na família que tenha ao menos uma menina tendo sido diagnosticada.

Por conseguinte, considera-se que as características do Transtorno do Espectro Autista não se manifestam de forma padrão nos indivíduos, cada pessoa possui características e estereotípias específicas, em alguns casos, o autista tem algum outro transtorno ou deficiência cognitiva, o que implica em mais variedade de características. Alguns autistas apresentam comprometimento cognitivo severo, outros não apresentam muitos prejuízos, alguns possuem hiperfoco, o que contribui para aprender algo específico de seu interesse. Segundo Paula *et al.* (2021), a identificação das estereotípias, ecolalias e outros transtornos que alguns autistas possuem é que definem os tipos de terapias, tratamentos clínicos, metodologia e métodos de alfabetização escolar adequados, pois cada ser é único, mesmo com algumas características iguais.

De acordo com Reis, Souza e Santos (2020), de modo geral podem ser consideradas características associadas ao autismo: dificuldades de se relacionar e interagir socialmente; comprometimento da fala, alguns são não verbais, outros são verbais, porém, ainda assim encontram dificuldades tanto para exercer coerência e coesão na fala, como dificuldade de interpretar algumas figuras de linguagem, bem como, dificuldade de entender o que está implícito nas entrelinhas. Alguns possuem dificuldade em desenvolver atividades que envolvam planejamento e ou realização; apresentam falas ou ações que não são apropriados ao ambiente ou situação. Ademais, demonstram interesse em atividades repetitivas que

mantenham uma rotina rígida, quando acontecem mudanças de atividades, causam-lhes desconforto e instabilidade emocional. Não sentem necessidade em manter relações sociais, preferindo muitas vezes ficar sozinhos, principalmente quando estão estressados por sobrecarga ou excesso de estímulos; há alguns casos em que o sujeito tende a ser agressivo com os outros ou consigo mesmo; alguns apresentam dificuldade de manter contato visual, bem como, evitam contato físico como toques ou abraços.

A educação é um direito de todos e prevista em lei desde a Constituição Federal de 1988. Porém, por muito tempo a educação foi excludente para com pessoas com deficiência. A alfabetização, segundo Paulo Freire (2001), não se baseia apenas na leitura escrita das palavras, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura da palavra implica, por sua vez, a leitura do mundo” (p. 19). Nesse sentido, faz-se necessário que a alfabetização seja um processo no qual os alunos compreendam os significados das palavras, e sua função no mundo, fornecendo nesse sentido subsídios para formação de sujeitos críticos e não somente receptores de informação.

A primeira Lei de Educação Inclusiva no Brasil é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, que estabeleceu importantes diretrizes para a promoção da inclusão de alunos com deficiência no sistema educacional. A partir dessa legislação, garantiu-se o direito à educação para todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sensoriais ou sociais. A LDB, ao afirmar que a educação deve ser oferecida a todos, sem discriminação, determinou que as instituições de ensino adaptassem suas metodologias e práticas pedagógicas para atender à diversidade dos alunos, criando um ambiente inclusivo e acessível (Brasil, 1996).

O capítulo IV, sobre o direito à educação, apresentado na Lei Nº 13.146, instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), publicada em 06 de julho de 2015. É destacado em seu artigo 27 que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (2015, s. p.).

Assim, em 1961, a primeira LDB (Lei 4.024/61) reconheceu o direito à educação de pessoas com deficiência. As escolas aos poucos passaram a receber alunos com deficiência, demarcando o período da integração, inicialmente recebiam o mesmo tratamento que tinham

nas instituições especializadas, estavam na escola, porém por falta de formação especial, estes eram excluídos de quase todas as atividades, uma vez que a educação era padrão, não havendo ainda preocupação de como pensar a educação, de forma que contribuísse para o desenvolvimento deles.

Em 2001, o Conselho Nacional de Educação obrigou a adaptação curricular nos cursos de licenciatura. (Brasil, 2001). Já em 2003, foi elaborado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, reforçando o compromisso com a inclusão. (Brasil, 2018). Em 2003, o Plano Nacional de Educação (PNE) defendeu a construção de uma escola inclusiva. (Brasil, 2001). Apesar da inclusão ser um conceito bem atual, muito se tem discutido em busca de se fazer de fato a inclusão das pessoas vistas por muito tempo como incapazes.

Por conseguinte, contata-se que, historicamente, pessoas com deficiência foram marginalizadas e vítimas de violência, algumas tinham suas vidas tiradas, eram vistas como pessoas incapazes de aprender, caracterizando dessa forma a exclusão social dessas pessoas, pois não era permitida a participação dessas em muitos lugares, inclusive no ambiente escolar. Mantoan (2003) também fala desse processo, considerando um período de exclusão total, um período de integração e o momento da inclusão propriamente dita, ainda não consolidado efetivamente. Pois, apesar de vivermos a era da inclusão, muitas são as discussões que visam superar a integração e institucionalizar a inclusão, para incluir as pessoas em todas as atividades escolares oferecidas nas escolas, indistintamente. Ela não acredita em inclusão, que admita a manutenção de escolas especiais. Toda escola deveria dar conta de todas as demandas de todas as crianças e não umas em um tipo de escola e outras em outra escola.

Mantoan (2003), portanto, estabelece um posicionamento bastante crítico sobre a importância da escola se adequar às especificidades de todas as crianças, acreditando que a verdadeira educação inclusiva se faz em uma escola regular, que dê conta do aprendizado integral, considerando as demandas específicas, inclusive das crianças com deficiência. Retomando a lógica da existência de um processo histórico, no qual as crianças com deficiência já foram excluídas das instituições educacionais, passando para um momento de integração, onde as crianças estavam nas escolas especiais, que atendiam apenas as crianças com deficiência, com foco na assistência e realização de atividades com pouca ou nenhuma relação com a formação educacional. Ou ainda, a mera entrada na escola regular, mas, sem adaptações curriculares pertinentes, nesse caso, não era a escola que se adequava às demandas das crianças, mas, as crianças precisam se adaptar à escola.

Portanto, o censo apresenta uma realidade que cresce a cada ano, de pessoas diagnosticadas com o transtorno, o que deve servir de despertamento para os gestores governamentais, para que façam maiores investimento em pesquisas, e para o sistema educacional, visando ações e promoção de recursos que garantam o bem estar e o desenvolvimento integral das pessoas com transtorno do espectro autista. Assim, torna-se necessário o estabelecimento de diálogos e discussões em defesa de uma educação inclusiva, em busca de estratégias que visem o desenvolvimento com as raízes ligadas à educação de qualidade, para as pessoas com deficiência, uma educação que seja de fato inclusiva, a qual envolva a formação dos profissionais, condições estruturais do ambiente escolar, que possibilitem o acesso aos espaços comuns para participação em comunidade escolar, bem como a adaptação das metodologias de ensino, visando o desenvolvimento integral, respeitando suas possibilidades e estimulando suas potencialidades.

## **2.2 Aprendizagem da leitura e escrita dos autistas.**

O acesso e a permanência dos alunos nas instituições de ensino foram grandes conquistas, entretanto, a realidade prática não acompanha a lei estabelecida. Para tanto, faz-se importante o estudo a respeito dos processos de inclusão desses alunos em sala de aula.

Déficits na comunicação verbal e não verbal, somados a limitações na interação social, comportamentos repetitivos e inflexibilidade cognitiva, comprometem o desenvolvimento da linguagem escrita e da leitura (Battistello *et al.*, 2020; Frazão, Nascimento; Santos, 2024; Oliveira, 2023).

A resistência a mudanças e as dificuldades sensoriais também interferem na adaptação ao ambiente escolar e às rotinas pedagógicas, dificultando a aquisição sistemática dos conteúdos (Reis; Souza; Santos, 2020; Barbosa; Cláudio; Clesiane, 2020; Silva; Faria, 2021).

No âmbito da alfabetização, essas características se associam a atrasos no desenvolvimento da fala e da compreensão da linguagem, comprometendo a consciência fonológica, essencial para a decodificação e construção do sentido textual (Paula *et al.*, 2021; Trevizan; Araújo, 2022).

A dificuldade em compreender linguagens metafóricas e abstratas limita a compreensão na leitura e interpretação de textos (Trevizan; Araújo, 2022; Oliveira, 2023).

Além disso, o uso restrito da linguagem e a baixa resposta a estímulos sociais prejudicam a interação com o professor e com os alunos, elementos fundamentais para a mediação do conhecimento (Battistello *et al.*, 2020; Oliveira, 2023).

As dificuldades motoras, como disgrafia e problemas de coordenação viso-motora, afetam diretamente a escrita, dificultando a formação das letras, o uso do espaço gráfico e a transcrição de conteúdo (Benites; Silva; Mello, 2020; Reis; Souza; Santos, 2020).

Distúrbios associados, como TDAH, ansiedade e deficiência intelectual, agravam esses comprometimentos, afetando a atenção, a memória e o ritmo de aprendizagem (Frazão; Nascimento; Santos, 2024; Silva; Brandão, 2024).

Portanto, considera-se necessário conhecer práticas pedagógicas que promovam a inclusão de crianças autistas, garantindo as condições ótimas, para que as especificidades que apresentem não se tornem barreiras para a alfabetização.

Sobre a indissociabilidade entre alfabetização e letramento para apropriação da leitura e da escrita, Benites, Silva e Mello (2020), discorrem que:

A aprendizagem da leitura e da escrita depende de dois eixos, distintos, mas indissociáveis e que necessitam ser trabalhadas ao mesmo tempo: alfabetização e letramento. A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura e letramento é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita. (p. 04).

Segundo Benites, Silva e Mello (2020), a apropriação do sistema de escrita está baseada no ensino da técnica, porém não deixando de lado sua relação e utilidade nas práticas sociais dos sujeitos, esse processo é interligado a aspectos psicomotores, sendo necessárias metodologias e ferramentas que visem o seu desenvolvimento. Bem como, a aquisição da leitura está relacionada ao desenvolvimento da (compressão) da língua escrita; e o desenvolvimento da escrita está associado ao desenvolvimento da (expressão) por meio da escrita. Ou seja, ler e escrever está associado à relação entre compreensão e expressão.

A alfabetização é um importante passo para a apropriação dos demais conhecimentos ao longo da vida, sendo a base para que os sujeitos se apropriem dos bens culturais construídos pela sociedade ao longo dos séculos. Nesse sentido Paula *et al* (2021, p. 17) destacam que:

Ao falar especificamente da aquisição da leitura, e com base em fundamentos neuropsicológicos, estudos demonstram que existe um caminho neurológico (sequência de processamentos) já programado para esta atividade - processamento botton-up - em que a decodificação ocorre das partes para o todo. O que se leva a entender que, para alfabetizar uma criança, o método

mais proveitoso seria aquele que considera a predefinição biopsicológica ao qual nosso cérebro está preparado, que seria o método fônico.

Portanto, a aquisição de leitura não ocorre de forma aleatória, existe uma programação neural para que esse aprendizado ocorra sendo de forma sequenciada, no qual a apropriação da leitura deve acontecer, quando ocorre a decodificação das informações, partindo das partes menores, seguindo uma sequência de forma crescente, até se tornar integral.

Sobre o olhar atento e as ações pedagógicas que conduzem para a aquisição da escrita, as autoras Silva e Faria (2021, p. 07), ressaltam que:

É importante que os professores percebam as habilidades das crianças autistas, que valorizem a importância do gesto, do desenho e do jogo na aquisição da escrita alfabética e que entendam que esse passo é possível no âmbito da escolarização. A escrita é um sistema de representação do campo simbólico, mediando a criança falar de si e conduzir seu texto a um outro que o reconhece e o compreende.

Segundo Battistello *et al* (2020), a alfabetização de crianças com TEA exige metodologias que respeitem sua individualidade, sendo necessário o uso de recursos que promovam um ambiente estruturado e previsível, requisitos essenciais ao seu aprendizado.

A alfabetização de alunos com autismo, portanto, deve ser flexível, planejada e acolhedora, com estratégias que considerem suas formas singulares de perceber o mundo, promovendo sua autonomia e participação ativa no processo de aprendizagem (Silva; Brandão, 2024).

O que justifica pensar: quais são as estratégias utilizadas para garantir que eles consigam aprender a ler e escrever. Portanto, esse estudo buscou realizar um mapeamento dos estudos produzidos, a partir de artigos sobre o processo de alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

### 3 METODOLOGIA/PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa desempenha um papel fundamental na promoção do conhecimento acadêmico e científico, promove a construção e a ampliação do saber ao longo do tempo. Neste contexto, a metodologia adotada neste trabalho busca consolidar e ampliar esses conhecimentos, utilizando-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa, que é sistemática e rigorosa para garantir a veracidade e a relevância dos resultados obtidos. Derlandes, Gomes e Minayo (2007, p. 21) complementam que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Nesse sentido o autor ressalta que a pesquisa qualitativa, nas Ciências Sociais lida com aspectos da realidade humana que não podem ser medidos de forma numérica ou quantificada. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que busca dados mensuráveis, a pesquisa qualitativa foca em aspectos subjetivos e interpretativos da experiência humana.

Para tanto, a escolha da metodologia de pesquisa será de cunho bibliográfico para a mapeamento das estratégias de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O processo consiste em revisar artigos acadêmicos, dos últimos cinco anos, que falem sobre a alfabetização com práticas pedagógicas voltadas para o ensino de crianças com TEA. A seleção de fontes foi guiada por critérios de relevância e qualidade científica, buscando compreender as abordagens e estratégias relevantes para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos com transtorno do espectro autista.

A pesquisa foi iniciada no Google Acadêmico, com a chave de busca “processos de alfabetização de crianças autistas”, nos anos de 2019 a 2025, foram encontrados aproximadamente 11.100 trabalhos, mesmo com as alterações da palavra-chave, e mesmo encurtando o espaço de tempo para os últimos três anos de publicação os resultados de buscas caíram para aproximadamente 6.660 resultados.

Percebendo que não importasse as alterações de palavras-chave, como: Autistas e Alfabetização; Alfabetização de Autistas; Processos de Alfabetização para Crianças Autistas;

Alfabetização para crianças Autistas, ainda emergiam muito trabalhos, o que demandaria uma disponibilidade de tempo significativa para análise consistente de tantos dados, assim como uma leitura cuidadosa, para selecionar dentre todos, aqueles que de fato respondessem às questões de pesquisa.

Com a mesma palavra de busca “processos de alfabetização de crianças autistas”, decidi migrar para o portal da SciELO, todavia, a busca gerou zero resultado. Após esta pesquisa, busquei alterar a palavra-chave, utilizando: Autistas e Alfabetização; Alfabetização de Autistas; Processos de Alfabetização para Crianças Autistas; Alfabetização para crianças Autistas, e em nenhuma das buscas obtive resultados.

Diante da relevância dos trabalhos para a formação de professores, o portal dos periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), foi selecionado como novo espaço de pesquisa, onde possivelmente encontraria trabalhos bem avaliados. Escolhemos, dentre as palavras-chaves as seguintes: “Processos de Alfabetização para Crianças Autistas” e na busca foram encontrados nove artigos, a segunda palavra-chave utilizada foi “Alfabetização para crianças Autistas”, para a qual resultou em 11 artigos. No processo de pesquisa em conseguir um número maior de artigos para a análise deste trabalho, utilizei a palavra-chave “Alfabetização de Autistas”. Do qual foram encontrados 20 resultados. Ao ler os resumos dos artigos identificados na pesquisa, sete não atendiam ao objetivo de pesquisa, esses trabalhos eram voltados a pesquisa na EJA, outros se referiam à alfabetização, porém, eram direcionados a uma matéria específica, e alguns continham as percepções de professoras e não abordavam metodologias, ou se referiam a importância do trabalho dos demais profissionais, que podem contribuir para o processo de alfabetização. Três artigos não abriram ao tentar selecionar o campo: ver no editor, aparecia a mensagem “arquivo não encontrado”. Dos 20 artigos resultados da busca, 10 foram selecionados para leitura e análise da pesquisa, pois esses abordavam metodologias de alfabetização para crianças autistas, focando a alfabetização geral e não só de uma matéria.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor sistematização dos achados da pesquisa, serão apresentadas, no Quadro 1, as informações que permitem situar os artigos encontrados, quanto aos autores, título do trabalho, ano de publicação, metodologia utilizada, *link* da publicação, para acesso futuro. Em seguida, apresentados os artigos e suas respectivas estratégias pedagógicas, que serão descritas e discutidas a partir dos principais achados, relevantes aos objetivos desta pesquisa, a fim de compreender e divulgar as estratégias utilizadas para a alfabetização dos autistas. Por fim será feita uma articulação entre os resultados dos diferentes artigos.

Quadro 1 - Caracterização dos artigos

Título	Autoria	Data	Metodologia	Link de acesso
1. A contação de histórias para crianças autistas.	Viviane Cristina de Mattos Battistello, Ana Teresinha Elicker, Lovani Volmer e Rosemari Lorenz Martins.	2020	Estudos teóricos, e uso de um programa de adaptação de leitura: <i>Recall</i> (Reading to Engage Children with Autism in Language and Learning), com leitura compartilhada, uso de perguntas estruturadas, cartões de apoio visual (extraídos do portal ARASAAC) e o protocolo PEEP (Prompt, Evaluate, Expand, Praise). Entrevistas com os alunos, formação dos mediadores e análise posterior por meio de filmagens.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3110944603">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3110944603</a> . Acesso em: 08 jun. 2025.
2. A influência motriz do estudante com transtorno do espectro autista em seu processo de alfabetização	Maira Cristiane Benites, Karoline Dos Santos Silva e Cidnei Amaral De Mello.	2020	Pesquisa Bibliográfica com enfoque qualitativo, análise teórica sobre a relação entre o desenvolvimento motor e a aquisição da linguagem escrita em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a psicomotricidade como eixo metodológico principal.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3113066507">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3113066507</a> . Acesso em: 16 jun. 2025.
3. Tecnologia assistiva em	Marlene Barbosa de	2020	Abordagem qualitativa e descritiva, com pesquisa	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/</a>

dispositivos moveis: aplicativos baseados no TEACCH como auxílio no processo de alfabetização com crianças autistas.	Freitas Reis, Carla Salomé Margarida de Souza e Lilian Cristina dos Santos.		bibliográfica e análise aplicada de tecnologias assistivas, como método TEACCH e aplicativos Lina Educa e ABC Autismo.	acervo/buscarador.html?task=detalhes&source=all&id=W3112581875. Acesso em: 08 jun. 2025.
4. Uso de novas tecnologias na alfabetização dos alunos autistas – uma abordagem multimodal.	Nathaly Eufrazia Ataíde Barbosa, Luiz Cláudio Benevenuti e Clesiane Bindaco	2020	Pesquisa Bibliográfica e intervenção em sala de aula com metodologias pedagógicas adaptadas, com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), e capacitação docente.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3133828890">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3133828890</a> . Acesso em: 16 jun. 2025.
5. Aquisição de leitura em crianças com TEA e o método fônico.	Isabella de Paula, Maria Dalva Silva, Patrícia Mayra de Andrade Siqueira e Fabiana Silva.	2021	Abordagem teórica e qualitativa, com pesquisa bibliográfica e análise diferentes métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos), a partir da revisão de estudos da literatura médica, neurocientífica e educacional, e o artigo “O método fônico sob a perspectiva neurológica”.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3126702703">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3126702703</a> . Acesso em: 08 jun. 2025.
6. Uma proposta com multiletramentos no atendimento educacional especializado na alfabetização do aluno autista.	Soraya Gonçalves Celestino da Silva e Evangelina Maria Brito de Faria.	2021	Abordagem qualitativa baseada em um estudo de caso, o estudo teórico baseou-se nos multiletramentos e a abordagem sociointeracionista de Vygotski. A proposta pedagógica é constituída de uma sequência didática interdisciplinar com atividades multimodais.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3143427489">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W3143427489</a> . Acesso em: 08 jun. 2025.
7. Autismo: modos pedagógicos de alfabetização e letramento.	Zizi Trevizan e Gisele Silva Araújo.	2022	Análise documental qualitativa e investigação dos modelos pedagógicos presentes em coleções didáticas voltadas à alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA),	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4229440465">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4229440465</a> . Acesso em: 08 jun. 2025.

			publicadas entre 2015 e 2018.	
8. Ação pedagógica colaborativa na alfabetização de crianças autistas.	Ivanilde Apoluceno de Oliveira	2023	Abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental. Com metodológicas a partir de temas geradores, jogos pedagógicos, uso de materiais concretos (como letras móveis, jornais e revistas), desenho, pintura, teatro, criação de histórias e brincadeiras; e trabalho colaborativo.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4396574681">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4396574681</a> Acesso em: 16 jun. 2025.
9. AlfabTEA: integrando a gamificação no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista utilizando o Método TEACCH e o Programa ABA.	Mariane Rafaela Coelho Frazão, Vitoria Sousa Santos Nascimento, Estêvão Damasceno Santos.	2024	Desenvolvimento de um aplicativo educacional denominado AlfabTEA, baseado na gamificação, com fundamentação em dois métodos voltados à educação de crianças com TEA: Método TEACCH e Programa ABA. o artigo também se apoia em teorias da gamificação, com os teóricos: Framework Octalysis e Huizinga.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4405130639">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4405130639</a> . Acesso em: 08 jun. 2025.
10. Formação para professores: a utilização de jogos digitais para o desenvolvimento da leitura de estudantes com autismo.	Luiz Eduardo Vieira da Silva e Leonardo Brandão.	2024	Análise dos efeitos de um curso de formação docente online voltado ao uso de jogos digitais na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os autores desenvolveram uma formação baseada em videoaulas com feedback instrucional.	<a href="https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4401658911">https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&amp;source=all&amp;id=W4401658911</a> . Acesso em: 16 jun. 2025.

Fonte - Dados da pesquisa, produzido pela autora (Coimbra, 2025)

#### 4.1 Apresentação dos artigos e suas respectivas estratégias pedagógicas

O artigo de Battistello *et al.* (2020), apresenta importantes contribuições ao demonstrar como práticas de leitura mediada, inspiradas no programa *Recall*, podem favorecer o desenvolvimento do letramento emergente em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) de nível leve. Utilizando estratégias visuais e roteiros de perguntas, a pesquisa envolveu

a leitura do livro “O Ratinho, o Morango Vermelho Maduro e o Grande Urso Esfomeado” por professoras e familiares, e mostrou avanços na compreensão textual, na interação social e na comunicação das crianças participantes.

Os resultados evidenciam que a mediação sistemática da leitura, aliada a recursos adaptados, é eficaz na promoção de habilidades linguísticas e sociais em crianças autistas, o que reforça a importância da intervenção precoce no processo de alfabetização. O estudo também destaca a necessidade de formação de professores para práticas pedagógicas inclusivas desde a Educação Infantil, ressaltando que ambientes que promovem o letramento e a interação são fundamentais para o engajamento e a aprendizagem de crianças com desenvolvimento atípico.

O artigo de Benites, Silva e Mello (2020), destaca a relevância do desenvolvimento motor no contexto da alfabetização de estudantes com TEA. Embora as dificuldades motoras não sejam critério diagnóstico para o transtorno, o estudo evidencia como atrasos na motricidade, especialmente fina, comprometem habilidades fundamentais para o domínio da linguagem escrita, como a coordenação visomotora e a organização espacial. A pesquisa de natureza bibliográfica, propõe a psicomotricidade como ferramenta essencial para favorecer a aprendizagem, considerando a indissociabilidade entre corpo, mente e cognição no processo educacional.

A principal contribuição do trabalho consiste em correlacionar o desenvolvimento psicomotor com os aspectos cognitivos e pedagógicos da alfabetização, defendendo a importância de práticas educacionais, que contemplem intervenções psicomotoras sistematizadas no ambiente escolar. Os autores argumentam que, o planejamento pedagógico deve incorporar atividades que estimulem tanto a motricidade global quanto a fina, de modo a favorecer a apropriação do código escrito por estudantes com TEA. Assim, o estudo reforça a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e individualizada, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada aluno.

O artigo de Reis, Souza e Santos (2020), segue uma abordagem qualitativa e descritiva, com pesquisa bibliográfica e análise aplicada de tecnologias assistivas como método TEACCH e aplicativos Lina Educa e ABC Autismo. A metodologia inclui observação das funcionalidades dos aplicativos, descrição de suas fases e estratégias (como uso de imagens, sons, rotinas visuais e mediação docente), e articulação com os princípios do TEACCH, que valoriza a organização do ambiente, rotina e ensino visual.

O Lina Educa, é voltado à organização de rotinas e ao desenvolvimento da associação entre imagens, sons e palavras; e o ABC Autismo, composto por 40 fases com níveis progressivos de complexidade, abrangendo atividades de coordenação motora, pareamento, sequenciamento e alfabetização. Ambos os aplicativos demonstram potencial significativo para promover a inclusão escolar e social, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, atenção, organização e compreensão de padrões, consolidando-se como ferramentas eficazes no processo de alfabetização de crianças autistas.

O artigo de Barbosa, Cláudio e Clesiane (2020), evidencia a relevância da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio de uma abordagem que integra múltiplas linguagens (som, imagem, texto e movimento). A pesquisa esteve fundamentada em revisão bibliográfica e em experiências práticas, destaca como os recursos tecnológicos, como computadores, jogos digitais e vídeos, podem favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo e social desses alunos, desde que adaptados às suas necessidades específicas.

Além disso, o estudo ressalta a importância da educação inclusiva e da formação docente para o uso adequado das tecnologias assistivas, enfatizando que a presença do aluno autista na escola regular, quando apoiada por metodologias pedagógicas adequadas, contribui significativamente para seu desenvolvimento. Os autores defendem que o uso de tecnologias digitais, aliado ao respeito ao tempo e às singularidades de cada criança, potencializa o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais acessível, eficaz e significativo.

O artigo de Paula *et al.* (2021), utiliza uma abordagem teórica e qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica. As autoras analisam diferentes métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos), destacando seus prós e contras, com foco especial no método fônico. A metodologia inclui revisão de estudos da literatura médica, neurocientífica e educacional, e o artigo “O método fônico sob a perspectiva neurológica” (Barbosa & Souza). O objetivo é compreender como o cérebro processa a leitura e justificar, com base científica, a escolha do método fônico como o mais adequado para crianças com TEA.

Dentre os métodos discutidos, o artigo destaca o método fônico como o mais adequado para a alfabetização de crianças com autismo. Essa constatação é respaldada por especialistas da área, como o Dr. Fernando Capovilla (USP), e por estudos da neurociência, como o trabalho de Barbosa e Souza, que demonstram que a leitura é processada neurologicamente da parte para o todo, exatamente como propõe o método fônico. A eficácia desse método está relacionada ao desenvolvimento da consciência fonológica, que permite à criança manipular sons, reconhecer

padrões sonoros e compreender a relação entre fonemas e grafemas, facilitando inclusive a leitura de palavras desconhecidas. O artigo conclui que os métodos baseados na correspondência fonema-grafema apresentam maior eficácia na alfabetização de sujeitos com TEA.

O artigo de Silva e Faria (2021), analisa a contribuição dos multiletramentos para o processo de alfabetização de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Fundamentado na perspectiva sociointeracionista de Vygotski, o estudo de caso, desenvolvido a partir de uma sequência didática interdisciplinar, evidencia como o uso de recursos multimodais como: gestos, desenhos, jogos, vídeos e mídias digitais, possibilitam a aquisição da linguagem escrita ao considerar as especificidades cognitivas, comunicativas e sensoriais do sujeito autista.

Os resultados demonstram avanços significativos na produção escrita do aluno, atribuídos à mediação pedagógica intencional, ao uso de tecnologias e à valorização de práticas culturais diversas no processo de letramento. A pesquisa aponta para a importância de práticas pedagógicas inclusivas que considerem a linguagem escrita como uma atividade simbólica complexa e significativa, promovendo, assim, o engajamento e a autoria do aluno com TEA. O trabalho reforça a necessidade de a escola incorporar os multiletramentos como eixo estruturante do ensino, sobretudo no AEE, garantindo o direito à aprendizagem em sua totalidade.

O artigo de Trevizan e Araújo (2022), apresenta uma análise crítica de coleções didáticas destinadas à alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), produzidas entre 2015 e 2018. A partir de uma abordagem qualitativa e da Análise Documental, as autoras evidenciam que essas obras, em sua maioria, estão ancoradas na lógica formal da Pedagogia Tradicional, especialmente no método fônico, desconsiderando os princípios da Pedagogia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica. Isso implica em práticas educativas centradas na memorização de fonemas e grafemas, afastando os alunos autistas das interações sociais e do desenvolvimento cultural mediado pela linguagem.

As autoras defendem a necessidade de uma revisão epistemológica dos materiais didáticos, enfatizando que a alfabetização deve estar interligada ao letramento, compreendido como um processo social e histórico-cultural. Fundamentadas na Filosofia Materialista da Linguagem e na Psicologia do Desenvolvimento Cultural, as autoras propõem a superação das dicotomias da Pedagogia Tradicional e a valorização de práticas pedagógicas que promovam a inserção dos alunos com TEA nas redes de relações interpessoais. Assim, contribuem para uma

educação inclusiva e formadora de leitores críticos, capazes de atribuir sentido social aos textos e à linguagem.

O artigo de Oliveira (2023), tem como objetivo analisar os relatórios das atividades colaborativas realizadas por educadores em práticas de alfabetização com crianças autistas, em uma unidade especializada da rede estadual de Belém. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental, financiada pelo CNPq, cuja análise utilizou a técnica de categorização. As atividades foram fundamentadas na pedagogia humanista de Paulo Freire e realizadas em grupos, com estratégias como jogos, temas geradores, produção textual, teatro, leitura, brincadeiras e criação de estórias. As práticas pedagógicas favoreceram a socialização, a interação, a autonomia e a participação dos educandos, contribuindo para o desenvolvimento da leitura e da escrita, com mediação compartilhada entre educadores e estudantes.

O trabalho aponta limitações do modelo tradicional de Atendimento Educacional Especializado (AEE), geralmente realizado de forma isolada, individual e com pouca efetividade. Em contraste, as ações colaborativas mostraram-se mais adequadas ao contexto da educação inclusiva, estimulando o interesse pelo aprendizado e o desenvolvimento de laços de solidariedade entre os participantes. Os resultados indicam que, mesmo com dificuldades, os educandos demonstraram avanços significativos conforme seus ritmos de aprendizagem. Por fim, o estudo defende a ampliação do tempo das atividades colaborativas e a revisão das políticas públicas voltadas à inclusão, considerando as especificidades locais e o uso pedagógico mais eficiente das salas de recursos multifuncionais.

O artigo de Frazão, Nascimento e Santos (2024), apresenta a concepção e desenvolvimento do aplicativo AlfabTEA, como alternativa educativa para promover a alfabetização de crianças com TEA. Fundamentado nas metodologias TEACCH e ABA, o estudo propõe uma solução tecnológica gamificada, estruturada em fases que abordam desde o reconhecimento de letras até a formação de frases, visando à construção progressiva do conhecimento. A proposta pedagógica incorpora elementos visuais, auditivos e interativos, adequados às especificidades do público-alvo, e utiliza estratégias motivacionais extraídas do *Framework Octalysis* e dos princípios de jogos de Huizinga, proporcionando um ambiente de aprendizagem envolvente, estruturado e lúdico.

A pesquisa destaca que crianças autistas frequentemente enfrentam dificuldades na comunicação, interação social e adaptação às práticas tradicionais de ensino, tornando necessária a adoção de metodologias alternativas que considerem suas especificidades. Através da gamificação, o AlfabTEA busca estimular habilidades cognitivas, comunicativas e sociais,

promovendo maior autonomia e engajamento no processo de alfabetização. Os resultados indicam que a estrutura progressiva dos desafios, o uso de reforços positivos e a acessibilidade do aplicativo favorecem a aprendizagem, mostrando-se uma ferramenta promissora no contexto da educação inclusiva.

O artigo de Silva e Brandão (2024), investiga os impactos de um curso de formação docente online voltado ao uso de jogos digitais no processo de alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diante da crescente presença de alunos com TEA na rede pública e da carência de professores capacitados para o uso de tecnologias educacionais, os autores desenvolveram um programa estruturado em videoaulas com *feedback* instrucional. Utilizando o delineamento de sujeito único A-B, o estudo evidenciou avanços significativos no desempenho dos cinco professores participantes, que passaram a aplicar, com maior eficácia, os jogos digitais como ferramenta pedagógica, atingindo índices de aproveitamento entre 66,67% e 100%.

A pesquisa destaca a relevância de práticas formativas acessíveis e fundamentadas teoricamente para a promoção da inclusão escolar mediada por tecnologias. Além de validar a eficácia do treinamento no curto prazo, os resultados indicam que os jogos digitais, quando bem selecionados e utilizados, contribuem tanto para o desenvolvimento da leitura quanto para a inclusão digital dos estudantes. A validação social do curso pelos participantes reforça seu potencial aplicável na formação continuada de professores, embora os autores reconheçam limitações, como a ausência da fase de generalização.

#### **4.2. Articulação entre os artigos**

Os dez artigos analisados abordam diferentes perspectivas, a respeito de práticas pedagógicas, recursos tecnológicos, metodologias e fundamentos teóricos voltados à alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ainda que cada estudo adote abordagens singulares, é possível identificar convergências, bem como divergências, que enriquecem o debate sobre a educação inclusiva. O quadro 2 apresenta, de maneira mais objetiva, os principais pressupostos e estratégias pedagógicas trazidos pelos artigos. A identificação em cores auxilia perceber aspectos convergentes entre eles.

Quadro 2 - Mapeamento das Estratégias Pedagógicas

Nº	Autores	Pressuposto subjacente	Estratégias metodológicas
1	Battistello <i>et al.</i> (2020)	Favorecimento do Letramento emergente, da comunicação da interação de crianças com TEA.	Contação de histórias mediada por recursos visuais.
2	Benites, Silva e Mello (2020)	Influência direta do desenvolvimento motor na escrita.	Psicomotricidade
3	Reis, Souza e Santos (2020)	Potencial de tecnologias assistivas móveis, para o desenvolvimento cognitivo e linguístico.	Método TEACCH, por meio dos aplicativos <i>Lina Educa</i> e <i>ABC Autismo</i>
4	Barbosa, Cláudio e Clesiane (2020)	Foco multimodal e adaptação às necessidades dos alunos.	Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
5	Paula <i>et al.</i> (2021)	Evidências neurocientíficas sobre a consciência fonológica.	Método fônico
6	Silva e Faria (2021)	Estratégia inclusiva pela integração de diferentes linguagens no processo educativo.	Multiletramentos para o AEE
7	Trevizan e Araújo (2022)	Formação crítica e a participação social.	Abordagem histórico-cultural e dialógica
8	Oliveira (2023)	Mediação coletiva e as atividades lúdicas como favoráveis à alfabetização e à inclusão.	Práticas colaborativas fundamentadas na pedagogia freiriana
9	Frazão, Nascimento e Santos (2024)	Promoção de engajamento e autonomia no processo de alfabetização.	Aplicativo <i>AlfabTEA I</i> (combina gamificação com os métodos TEACCH e ABA)
10	Silva e Brandão (2024)	Formação docente continuada para o uso de tecnologias, com foco na eficácia da mediação pedagógica.	Jogos digitais

## Legenda de Cores

	Estratégias por meio dos multiletramentos e práticas de leitura
	Estratégias por meio da estimulação psicomotora
	Estratégias por meio de tecnologias assistivas
	Estratégias por meio do método fônico
	Estratégias por meio do método da pedagogia histórico-cultural

Fonte: Produzido pela autora (Coimbra, 2025)

O Quadro 2 apresenta, resumidamente, seus pressupostos e as estratégias pedagógicas sugeridas para alfabetização de autistas. Battistello *et al.* (2020) demonstram que a contação de histórias mediada com recursos visuais favorece o letramento emergente, a comunicação e a interação de crianças com TEA.

Benites, Silva e Mello (2020) destacam o papel da psicomotricidade, ao mostrar como o desenvolvimento motor influencia diretamente a escrita.

Reis, Souza e Santos (2020) demonstram o potencial de tecnologias assistivas móveis, baseadas no método TEACCH, por meio dos aplicativos Lina Educa e ABC Autismo, no desenvolvimento cognitivo e linguístico. Também, Barbosa, Cláudio e Clesiane (2020) ressaltam a eficácia das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), quando utilizadas de forma multimodal e adaptada às necessidades dos alunos. Ainda sobre tecnologias assistivas Frazão, Nascimento e Santos (2024) apresentam o aplicativo AlfabTEA, que combina gamificação com os métodos TEACCH e ABA, promovendo engajamento e autonomia no processo de alfabetização. E Silva e Brandão (2024) caminham no mesmo sentido, ao abordarem a formação docente para o uso de jogos digitais, comprovando sua eficácia na mediação pedagógica.

Paula *et al.* (2021) defendem o método fônico como o mais adequado para crianças com TEA, apoiando-se em evidências neurocientíficas sobre a consciência fonológica. Por outro lado, Trevizan e Araújo (2022) criticam a predominância desse método nos materiais didáticos, propondo uma abordagem histórico-cultural e dialógica, que promova a formação crítica e a participação social. Assim como Oliveira (2023) valoriza as práticas colaborativas fundamentadas na pedagogia freiriana, mostrando que a mediação coletiva e as atividades lúdicas favorecem a alfabetização e a inclusão.

Já Silva e Faria (2021) enfatizam os multiletramentos como estratégia inclusiva no AEE, ao integrar diferentes linguagens no processo educativo. E, ao analisar os resultados apresentados pelos diversos autores, podemos estabelecer mais algumas articulações.

Os artigos 1, 2, 3, 6, 8, 4, 9 têm em comum o destaque sobre a necessidade de adequar estratégias de ensino às características individuais dos alunos com TEA, valorizando rotinas estruturadas, linguagem visual, uso de tecnologias e interação social.

Os artigos 3, 4, 9 e 10 se convergem ao defender o uso de tecnologias digitais, aplicativos e jogos gamificados (como Lina Educa, ABC Autismo e AlfabTEA), como instrumentos eficazes na alfabetização, por ampliarem o engajamento, a autonomia e a motivação dos alunos.

O papel do professor como mediador ativo do processo de ensino-aprendizagem é valorizado em praticamente todos os textos, com destaque nos artigos 1, 7, 8 e 10. Além disso, a formação continuada de professores (artigo 10), é apontada como condição necessária para a efetividade das práticas inclusivas.

Os artigos 1, 6, 7 e 8 apoiam-se em fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, de Vygotski e da Pedagogia Freiriana, reforçando a alfabetização como prática social, não apenas

técnica. Com sua base sociointeracionista e cultural, propondo uma leitura mais crítica das práticas escolares. Ainda, o artigo 1 destaca a leitura mediada com participação da família, diferenciando-se pelo foco na intervenção precoce no ambiente doméstico e escolar.

Enquanto o artigo 8 prioriza ações colaborativas presenciais e práticas coletivas fundamentadas em Paulo Freire, artigos como o 3, 4, 9 e 10 priorizam o uso de recursos tecnológicos

Os artigos 4 e 6 destacam a abordagem multimodal e multiletrada, que utiliza som, imagem, texto e movimento como forma de expandir as possibilidades de comunicação e expressão de crianças autistas.

O artigo 5 defende com ênfase o método fônico, justificado por evidências neurocientíficas. Já o artigo 7 critica o predomínio do método fônico, propondo uma superação pela Pedagogia Histórico-Cultural, que valoriza o letramento como prática social. E os demais artigos, não se prendem a um único método, mas sim a abordagens combinadas (como TEACCH, ABA e gamificação). Os artigos 3, 4, 5 e 9 apresentam enfoque tecnológico e/ou neurocientífico.

O artigo 2 é o único que associa diretamente a motricidade fina e global ao processo de alfabetização, defendendo a psicomotricidade como fator determinante na aprendizagem. O artigo 2, por sua vez, adota uma perspectiva psicomotora e cognitiva.

Conforme pode-se ver na legenda em cores, ao articular os diferentes artigos encontrados e analisados para alcance dos objetivos da pesquisa, pode-se considerar ainda, que se organizam a partir de cinco grupos de estratégias, aquelas que se dão por meio da estimulação psicomotora, outras que se consolidam por meio dos multiletramentos e práticas de leitura, outras que se fazem por meio do método fônico, outras por meio de tecnologias assistivas e outras por meio do método da pedagogia histórico-cultural. Evidenciando a diversidade de possibilidades de intervenção para a garantia da alfabetização de autistas.

Por conseguinte, os artigos se articulam na defesa de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem o ritmo, os interesses e as particularidades dos alunos com TEA. As divergências não indicam contradições, mas sim a riqueza de enfoques complementares: ora centrados na tecnologia, ora na interação social, na motricidade ou na criticidade dos materiais pedagógicos. Essa diversidade sugere que a alfabetização de crianças com TEA não deve seguir um modelo único, mas sim se construir de forma interdisciplinar, contextualizada e sensível às singularidades de cada aluno.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta que o objetivo geral desse trabalho foi realizar um mapeamento dos estudos produzidos, a partir de artigos, sobre o processo de alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), considera-se que dentre os artigos selecionados, os métodos e abordagens presentes em todos são satisfatórios, pois propiciam para o avanço da alfabetização das crianças autistas com foco no seu desenvolvimento integral.

Foi possível também localizar artigos sobre o processo de alfabetização de autistas, publicados nos últimos 5 anos, a fim de responder aos objetivos desse trabalho. A partir dos quais se tornou viável elaborar quadros com os estudos encontrados destacando: título, objetivo, metodologias, referencial teórico e principais resultados. Ademais, esse estudo permitiu, de fato, conhecer o que os estudos destacam sobre estratégias de ensino, adaptadas para atender às necessidades de crianças com TEA, no processo de alfabetização, com especial atenção às metodologias, recursos tecnológicos e práticas pedagógicas inclusivas.

A alfabetização de autistas exige professores que tenham um olhar e escuta sensível para perceber as dificuldades e buscar metodologias que propiciem o desenvolvimento social, emocional, físico e cognitivo dos alunos. Faz-se necessária a promoção de diálogos na perspectiva de traçar metas e objetivos a serem alcançados no meio educativo; bem como a promoção de formação continuada que consubstancie os conhecimentos sobre o autismo e as metodologias que facilitem o ensino-aprendizagem, com a disponibilidade de recursos necessários para isso.

Realizar esse trabalho foi bastante desafiador, pois, o tempo para estudos e escrita foi significativamente curto, levando em consideração a complexidade da temática abordada, bem como a seleção dos artigos que deveriam seguir os critérios conforme os objetivos desse trabalho. No entanto, também foi gratificante, pois, me possibilitou entender mais sobre o autismo, bem como, conhecer artigos que abordassem as adaptações de metodologias para a alfabetização de autistas.

Considera-se por fim que, apesar de ter sido feita a consulta em apenas um periódico, esse trabalho cumpriu aos seus objetivos e abre portas para que o escopo da pesquisa seja ampliado e novas pesquisas possam aprofundar nas temáticas e fazer uma varredura maior em outros periódicos, ou quem sabe, pesquisar em contextos reais, o que os professores têm feito, em nosso município, para atender as especificidades das crianças autistas, devidamente

matriculadas nas escolas regulares. Enfim, muitas portas se abrem para continuidade dessa e de outras pesquisas, a partir do trabalho aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina da Silveira Rodrigues. *DSM-5-TR: versão atualizada e revisada do DSM-5, 2023*. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectro-autista/#:~:text=A%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Americana%20de%20Psiquiatria,DSM%2D5%2C%20de%202013>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- BARBOSA, Nathaly Eufrazia Ataíde; BENVENUTI, Luiz Cláudio; BINDACO, Clesiane. Uso de novas tecnologias na alfabetização dos alunos autistas – uma abordagem multimodal. In: CONINTER 2020 – 9º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2020, Campos dos Goytacazes (evento online). *Anais [...]*. ANINTER-SH, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3133828890>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BATTISTELLO, Viviane Cristina de Mattos; et al. A contação de histórias para crianças autistas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 55, n. 3, p. 342–350, jul./set. 2020. e-34946. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3110944603>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- BENITES, Maira Cristiane; SILVA, Karolinne dos Santos; MELLO, Cidnei Amaral de. A influência motriz do estudante com transtorno do espectro autista em seu processo de alfabetização. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados-MS, v. 9, n. 9, 2020. Faculdade de Educação (FAED), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). DOI: 10.30612/hre.v9i16.13106. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3113066507>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 11 dez. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 11 dez. 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação: Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Brasília, DF: MEC, 2001.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da

Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 19, 13 set. 2001.

FERREIRA, Romeu Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Maria (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FARIA, Maria Elisa Vaz de; BORBA, Marcia Guaraciara de Souza. Autismo: sinais, níveis de suporte e diagnóstico-uma revisão sistemática de estudos recentes. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.10.n.06. jun. 2024. ISSN - 2675 – 3375.

FRAZÃO, Mariane Rafaela Coelho; NASCIMENTO, Vitoria Sousa Santos; SANTOS, Estêvão Damasceno. AlfabTEA: integrando a gamificação no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista utilizando o Método TEACCH e o Programa ABA. **Revista Caderno Pedagógico – Studies**, Curitiba, v. 21, n. 13, p. 1–31, 2024.

Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4405130639>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GROSSI, Marcia Gorett Ribeiro; GROSSI, Vitor Gabriel Ribeiro; GROSSI, Breno Henrique Ribeiro. O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA nas escolas regulares: uma visão de teses e dissertações. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 12–40, jun. 2020. Disponível em:

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-03072020000100002&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072020000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 dez. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. ISBN 85-16-0393-X.

MARQUES, Agílio Tomaz; LUCENA, Brunno Alves de; ARAUJO, João Marcos Batista Gomes de; MASCARENHAS, Yraguacyara Santos (org.). **Autismo & inclusão: enfoque multidisciplinar**. Boa Vista: Editora IOLE, 2022. 101 p. ISBN 978-65-996308-4-2

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Ação pedagógica colaborativa na alfabetização de crianças autistas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 30, n. 3, jul./set. 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/22920>. Acesso em: 31 jul. 2025.

PAULA, Isabella Alessandra Oliveira de; et al. Aquisição de leitura em crianças com TEA e o método fônico. **Revista Vox Metropolitana**, n. 4, fev. 2021. ISSN 2674-8673. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3126702703>. Acesso em: 8 jun. 2025.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; SOUZA, Carla Salomé Margarida de; SANTOS, Lilian Cristina dos. Tecnologia assistiva em dispositivos móveis: aplicativos baseados no TEACCH como auxílio no processo de alfabetização com crianças autistas. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 55, p. 1–17, e10652, out./dez. 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3112581875>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SIQUEIRA, Breno. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. **Agência de Notícias IBGE**, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SILVA, Luiz Eduardo Vieira da; BRANDÃO, Leonardo. Formação para professores: a utilização de jogos digitais para o desenvolvimento da leitura de estudantes com autismo. **Revista Caderno Pedagógico – Studies**, Curitiba, v. 21, n. 8, p. 1–25, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4401658911>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVA, Soraya Gonçalves Celestino da; FARIA, Evangelina Maria Brito de. Uma proposta com multiletramentos no atendimento educacional especializado na alfabetização do aluno autista. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 26, e214926, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3143427489>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SOARES, Vinícius Lacerda Gomes; BRITO, Lucelmo Lacerda de. Autismo no DSM-5-TR, o que mudou? **Research, Society and Development**, v. 13, n. 9, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i9.46866>. ISSN 2525-3409.

TREVIZAN, Zizi; ARAÚJO, Gisele Silva. Autismo: modos pedagógicos de alfabetização e letramento. **Dialogia**, São Paulo, n. 41, p. 1–14, e20989, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4229440465>. Acesso em: 8 jun. 2025.